



Territórios proibidos: mídia e subjetividade na favela da Maré¹

Carla Baiense Felix²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

A associação entre favela e violência no noticiário cotidiano constrói um lugar singular para os espaços populares na cidade do Rio de Janeiro: o de portadores do risco contemporâneo. Esta imagem não apenas produz um estigma de fora para dentro, mas atua no próprio interior da favela como vetor de subjetividade de seus moradores. Neste artigo, examinamos de que maneira a mídia produz este espaço estigmatizado³ e analisamos a forma peculiar com que os moradores da Maré negociam com esta representação. Argumentamos que a construção de identidades alternativas para a população favelada dialoga necessariamente com o interdiscurso midiático.

Palavras-chave

Mídia; favela; subjetividade.

Introdução

Vem da sociologia do crime um dos argumentos mais interessantes para se pensar a construção da favela na mídia contemporânea. Em seu estudo sobre a criminalidade violenta, Misse (2006) considera que os índices de criminosos entre os pobres não se explicam por uma inclinação natural das classes menos abastadas para o mundo do crime. Nem mesmo as hipóteses economicistas, que estudam o aumento da violência urbana a partir da queda no nível de emprego e renda⁴ justificariam a associação entre pobreza e criminalidade nas grandes cidades. Para ele, o que existe é uma repressão maior sobre os tipos de crimes mais comuns entre os pobres, justamente aqueles reunidos sob a criminalidade violenta: latrocínio, homicídio, tráfico e uso de drogas, estupros e porte ilegal de armas.

Certamente este argumento não se aplica apenas à análise da produção discursiva sobre a favela. Ele explica, sem dúvida, a ostensiva repressão policial aos

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Jornalista, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, mestre em Comunicação pela UFRJ (carlabaienses@yahoo.com.br).

³ Aqui apresentamos alguns dos resultados da pesquisa sobre a imagem da favela na mídia realizada pela autora durante o curso de mestrado. O trabalho completo está disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/>.

⁴ Um dos estudos que consideram a hipótese econômica como determinante para o aumento da criminalidade é o precursor “A Máquina e a Revolta” (ZALUAR, 1985).



moradores de favelas, a violação de direitos humanos e a presença maciça de pobres nas cadeias e demais instituições do sistema penal brasileiro.

Podemos considerar, como o autor, que o índice de criminosos não é superior entre a população favelada. Mas o tipo de criminalidade que se vê com maior frequência entre esta população é o que chama mais atenção na atualidade. É, também, o que ganha maior visibilidade na cobertura midiática.

Olhar os discursos da mídia sob esse ângulo pode nos ajudar a refletir sobre a recorrência da associação entre favela e risco⁵ na cobertura jornalística. Se a favela é o lugar dos pobres, que lotam as cadeias e instituições de recuperação de menores, não é de se estranhar que dela venha o risco que ronda a vida moderna.

Assim como o aparato repressivo, nossa mídia apresenta uma predileção pela cobertura dos fatos relacionados à criminalidade violenta. Não que os escândalos financeiros ou a corrupção dos políticos passem despercebidos pelas lentes jornalísticas. Mas, quando se trata da representação do risco nas grandes cidades, é sobre os pobres, seus crimes e seus locais de moradia que se constroem os discursos midiáticos, como pretendemos mostrar adiante.

A partir da análise do noticiário de 2004 do telejornal RJ TV 2ª edição, da Rede Globo, pudemos mapear os eixos que norteiam a representação midiática da favela. Os resultados nos permitem dizer que a narrativa jornalística produz uma distribuição de papéis na sociedade, destinando aos favelados o lugar de bandidos e à favela, o de pólo irradiador dos riscos da atualidade.

Não queremos, com isso, afirmar que a divisão da cidade entre favela e asfalto seja exclusivamente uma produção midiática. Mas desejamos chamar atenção para o papel que a comunicação desempenha na reprodução deste discurso.

Pode-se considerar que a cobertura midiática sobre a violência dentro e no entorno das favelas é proporcional aos eventos violentos que ocorrem nestas localidades. A noção de que se trata de um território proibido, portanto, é anterior à cobertura jornalística. Argumentamos o contrário: a ênfase da mídia sobre os eventos criminosos efetivamente articula uma distribuição territorial da criminalidade urbana, opera uma distinção entre áreas de seguranças e áreas de risco e justifica o tratamento

⁵ Para um estudo mais aprofundado sobre o conceito de risco e sua aplicação à imagem da favela na mídia, ver VAZ, CAVALCANTI, SÁ-CARVALHO e OLIVEIRA, 2005.



violento dispensado à população favelada, produzindo mais violência, numa espiral ascendente.

A constatação de que a mídia cria o lugar de vítima e de bandido na sociedade nos obriga a refletir sobre o sentido desta distinção. Para Batista, as agências noticiosas ultrapassaram suas funções comunicativas e assumiram, na atualidade, o papel de executoras do sistema penal brasileiro.

As agências de comunicação, diz ele, realizam o julgamento público de vastos contingentes populacionais, sem direito à defesa ou recurso. Recordando o comportamento das sociedades primitivas descrito pelos antropólogos, reiteram o discurso segundo o qual se a desgraça sobreveio, é certo que houve infração. Neste sentido, reafirmam o lugar social dos pobres na sociedade capitalista e os responsabilizam pelo próprio infortúnio.

Douglas (1992) também compara o comportamento da nossa ao das sociedades primitivas. Embora não trate do papel da mídia especificamente, nos fornece uma reflexão interessante para entender de onde vem o discurso midiático que culpabiliza a favela pelos males atuais.

A antropóloga afirma que toda sociedade elege seu portfólio de riscos. É virtualmente impossível mapear todos os riscos a que estamos sujeitos e completamente impensável a idéia de conter todos eles. Elege-se um grupo a partir do qual se constrói um arcabouço político e jurídico destinado a reprimir e recompensar os membros do grupo.

Nossa sociedade também elegeu seu portfólio de riscos e definiu de antemão os culpados. A relevância que o cruzamento entre favela e (in)segurança assumiu na mídia, bem como todo o aparato tecnológico e mercadológico criado em torno dele, não deixam dúvidas a respeito da nossa eleição: já temos o fator de risco número um, assim como já identificamos os culpados.

Considerar que o tráfico de drogas não age de forma violenta nas comunidades seria miopia. Restringir a cobertura midiática sobre a favela a tais eventos é uma distorção. Trata-se de um reducionismo que engessa a representação destes espaços e produz efeitos devastadores sobre a subjetividade dos seus moradores.

Não queremos afirmar que o estigma seja o maior dos problemas da população favelada, mas reconhecer que, efetivamente, produz efeitos reais. A estigmatização naturalizou-se a tal ponto que a desconstrução de uma imagem ligada à criminalidade tornou-se rotina na vida dos moradores de favelas. É o que Machado (2007) denomina



limpeza moral: o esforço contínuo de estabelecer, no discurso, sua distância com o mundo do crime.

A criminalização e a responsabilização dos pobres pela própria situação dificultam a produção de identidades alternativas e justificam o tratamento diferenciado destinado à população favelada. Os próprios moradores introjetaram o discurso dominante a tal ponto que a mudança de endereço tornou-se o objetivo de vida de muitos deles. “Melhorar de vida”, para muitos dos seus habitantes significa, simplesmente, sair da favela.

Mas a aceitação destes discursos não se dá sem resistência. Como lembra Barbero (2006), “nem toda assimilação do ‘hegemônico’ pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não o é de resistência”.

Neste artigo, vamos examinar alguns aspectos desta negociação entre o morador da favela e sua representação midiática. A partir dos resultados colhidos num grupo focal entre moradores e estudantes de uma escola local, pretendemos demonstrar a dimensão que o interdiscurso midiático assumiu na fala desta população e o esforço de desconstrução necessário para produzir uma representação alternativa.

Favela e crime, uma combinação explosiva

Em primeiro lugar precisamos definir de que mídia estamos falando. A representação da favela como território de risco se inscreve no contexto da cobertura jornalística da grande imprensa. Em maior ou menor grau, o noticiário reproduz uma representação hegemônica da cidade partida (VENTURA, 1994) entre o morro e o asfalto⁶ e onde o morro – ou a favela, de modo geral – ocupa o lugar do Outro, ainda que as mensagens se dirijam ao mesmo público estigmatizado no noticiário. Dentro desta mídia, selecionamos o corpus da nossa pesquisa entre os programas exibidos em 2004 pelo noticioso RJ TV 2ª edição, da Rede Globo, telejornal de ampla penetração junto à audiência que analisamos.

Note-se que nossa pesquisa não focalizou a representação do pobre ou da pobreza, mas a da favela e de seus moradores. A imagem do pobre só aparece na análise quando vinculada a do favelado, já que assume uma conotação específica.

Feita a escolha do corpus e localizado o objeto, a questão que se colocava era: como entender, de modo objetivo, a representação midiática da favela e do favelado e

⁶ É claro que dentro da grande imprensa há programas ou coberturas que apresentam a favela sob uma perspectiva mais progressista. Mas acreditamos que ainda sejam poucas as vozes destoante da representação hegemônica.



desvendar os mecanismos que os produzem? Sem dúvida, as marcas da ideologia se fazem notar de muitas maneiras. Seguindo as pistas de Fairclough (2001), fomos buscar estas pistas na materialidade do discurso.

O material áudio visual apresenta grande complexidade possibilitando, por isto, vários níveis de leitura. Num primeiro nível, selecionamos dentro do material da pesquisa aquelas matérias que tratavam da favela através de texto ou imagem e procuramos quantificar a frequência e o tempo gasto com o assunto.

Num segundo nível, procuramos identificar a tematização das matérias selecionadas. Por fim, analisamos a construção do texto jornalístico – a cadeia discursiva, o vocabulário empregado, as tomadas de turno, as fontes ouvidas – e a representação imagística – o plano, os personagens retratados, as locações, o uso de imagens de arquivo, a presença do repórter na cena.

Para cada nível de leitura, procuramos formular questões que pudessem captar com relativa precisão os modos de mostrar a favela e o favelado no noticiário. Foram analisados jornais de 23 dias, selecionados de forma aleatória ao longo das semanas e nos 12 meses do ano de 2004. Das 189 reportagens da amostra, selecionamos as 33 que se referiam à favela, através de texto ou de imagens.

Cada reportagem selecionada foi submetida a um questionário de 21 perguntas cujo objetivo era levantar as relações discursivas e os significados produzidos. Aqui, apresentaremos os dados que consideramos mais relevantes para a compreensão do argumento.

Do ponto de vista da frequência da favela no noticiário, encontramos um dado surpreendente: em 88% dos 23 dias analisados existe uma ou mais matérias relacionadas ao tema. Mesmo isoladamente esta informação mostra a importância que o assunto assumiu na pauta. Além da frequência, o tempo dedicado ao tema merece destaque: de um total de 6 horas 47 minutos e 59 segundos de telejornal, 48 minutos e 29 segundos foram ocupados por matérias que focalizavam a favela. Além disto, em 55% dos casos existe uma chamada para a matéria na escalada (seqüência de manchetes lidas na abertura do telejornal). Juntos, estes dados nos mostram a importância que a favela assumiu na mídia e, por que não dizer, na sociedade contemporânea.

Considerados em conjunto com as informações que qualificam o tipo de notícia relacionada à favela, no entanto, estes números nos dão outra idéia: a de que é a segurança, ou insegurança, que vem ocupando cada vez mais espaço na agenda social. Como argumentamos, não é através de uma constatação objetiva que se constrói o



portifólio de riscos aos quais a sociedade está exposta. Ao contrário, o discurso objetivista serve, antes, para justificar a eleição do portfólio e criar o consenso em torno dos riscos que caracterizam cada sociedade.

O argumento ganha força quando localizamos o tipo de editoria em que a favela é representada. Partindo de uma classificação tradicional - Crime/ações da polícia, Educação, Saúde, Esporte, Cultura, Política e Economia – chegamos a uma constatação trágica: em 73% dos casos, as matérias que enfocam a favela tratam de crimes ou ações da polícia. Mesmo aquelas que tratavam de outros assuntos, como política ou economia, apresentam a favela como fonte de insegurança. Tomadas em conjunto com as matérias de crime, representariam um total de 82% do noticiário.

Do ponto de vista do vocabulário, alguns dados chamam a atenção: o uso da metáfora guerra para descrever episódios envolvendo traficantes de facções rivais aparece em 27% das notícias analisadas. Medo é o substantivo utilizado em 9% das reportagens para descrever o sentimento em torno da favela.

Em relação à imagem, chamamos atenção para a presença ostensiva da polícia: em 58% das matérias há imagens de policiais. Em 30% da amostra, os militares apresentam armamento letal empunhado. São cenas que demonstram com clareza o nível de risco que as localidades representam para o conjunto da cidade.

Por fim, vale a pena citar os dados referentes à representação do favelado no noticiário: em 68% dos casos os moradores aparecem nas reportagens, mas apenas em 3% são apresentados como vítimas da violência. Em 36% das vezes, as matérias os mostram tanto no lugar de vítimas quanto no de bandidos e em 18% os moradores apresentados são identificados como bandidos.

Em apenas 24% de todas as matérias analisadas os moradores têm voz e em outros 6% o líder comunitário é ouvido. Mas é preciso diferenciar a maneira pela qual essa voz é expressa. Em apenas 15% dos casos fala em primeira pessoa. Nos demais, o repórter ou apresentador reproduz as declarações de “moradores”. Nota-se um claro contraste em relação à voz oficial do estado sobre a favela: em 52% das matérias ouve-se a polícia e em 15% também estão presentes outras autoridades do estado, todas devidamente identificadas.

O cerceamento da voz do favelado, que em muitos casos é defendido pelos jornalistas em nome da integridade física da fonte, produz um efeito colateral: a dissolução da identidade do morador da favela. Inversamente, a imagem dos bandidos é amplamente divulgada, seja através de tomadas no ato do evento narrado ou por fotos



ou retrato-falado. Logo, a representação do favelado que aparece na TV é efetivamente a do bandido.

Em seu conjunto, estes dados nos permitem concluir que a presença constante da polícia, seja como fonte da informação, seja através das imagens retratadas; a militarização do discurso em relação à favela; a ausência da voz do favelado no noticiário; e a representação do morador enquanto bandido; produzem uma estigmatização destas localidades e definem mapas mentais da cidade e de seus habitantes. É este o poderoso interdiscurso que representa o favelado socialmente. É em relação a ele que precisa negociar sua identidade em outros espaços da cidade.

A luta no discurso: mídia e subjetividade

A distinção entre bairro e favela, popularizada pelo antagonismo morro/asfalto, não se justifica apenas pelas diferenças de caráter urbanístico. Ao contrário, com o crescimento das ocupações e as intervenções ao longo dos anos, ela se deslocou cada vez mais para o nível simbólico.

A mais recente intervenção no Rio de Janeiro se deu ao longo da primeira gestão do então prefeito César Maia. Seu projeto para erradicação de favelas na cidade não incorporava a idéia de remoção. Ao contrário, trava-se de uma intervenção urbana, cujo objetivo era dotar as favelas da infra-estrutura necessária para torná-las bairros comuns da cidade.

Além de pavimentação, recuperação das redes de esgoto e outras medidas saneadoras, o programa previa uma outra mudança, esta de caráter subjetivo: a troca do termo favela pelo bairro. O bairro Maré surgiu assim, em 1992, por decreto e sem consulta aos moradores, reafirmando o que originalmente se pretendia negar: a permanência da favela.⁷

Dizer Maré é afirmar a favela, com toda a carga subjetiva que carrega e com a qual seus moradores precisam negociar. Seja na hora de procurar emprego ou receber uma encomenda, seja no convívio nada pacífico com a polícia ou no fogo cruzado das disputas entre traficantes, incorporam o estigma de moradores de áreas de risco.

A simples troca, portanto, não transformou a imagem da favela diante da cidade. Como dissemos o estigma não é, de certo, o pior dos problemas que o favelado enfrenta na sua dura rotina pela sobrevivência. Mas a torna ainda mais difícil, uma vez que

⁷ Para uma análise detalhada sobre a criação do bairro Maré, ver Rose (2006).



reafirma a distinção entre áreas de segurança e risco, justificando o tratamento diferenciado dispensado aos moradores das duas regiões.

Para entender de que maneira esta distinção é significada pelos moradores da Maré realizamos um grupo focal com alunos do Ensino Médio noturno de uma das mais antigas escolas da região. Foram ouvidos estudantes entre 17 e 49 anos, escolhidos aleatoriamente pela direção da Escola Bahia, em novembro de 2007. Nossa proposta era proporcionar um diálogo entre eles a respeito dos discursos midiáticos em torno da favela. Não se buscou um consenso sobre o tema, mas um levantamento de informações a partir das quais se pudesse pensar a representação hegemônica e suas implicações sobre a subjetividade local.

Procuramos mapear o nível de acesso dos moradores ouvidos ao noticiário local. Além da TV, os jornais populares, impressos ou online, são as principais fontes de informação do grupo. Parte do grupo também afirmou que utiliza o jornal do bairro⁸ como referência.

Quando perguntados sobre a representação mais comum da favela no noticiário, a primeira resposta dos moradores se refere à imagem da violência. Para o grupo, a mídia produz a idéia de um lugar perigoso, habitado por bandidos. Embora não neguem a presença de traficantes nem a existência de conflitos armados pela posse e manutenção das bocas de fumo, criticam a representação midiática em relação a dois aspectos: a espetacularização⁹ da violência e a parcialidade dos discursos, que resultam num reducionismo da vida nas favelas à dimensão do crime.

Sobre o primeiro aspecto, vale ressaltar que a edição jornalística produz um efeito inesperado sobre os fatos narrados. Tanto na seleção das imagens quanto na escolha do vocabulário, o discurso midiático produz a representação de um cenário de guerra, ameaçador, uma versão “exagerada” dos acontecimentos apresentados. Embora não neguem a realidade dos fatos, os moradores apontam um exagero da mídia “para vender jornal”, como descrito no depoimento abaixo:

“Não concordo. Eles colocam de forma sensacionalista, exageram muito para vender jornal, para ganhar audiência. Acaba distorcendo”
(Alessandra)¹⁰

⁸ *O Cidadão* é o jornal produzido por moradores e distribuído entre as 16 comunidades que formam o bairro. A publicação circula há oito anos e é desenvolvida dentro do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm).

⁹ Não utilizamos a idéia de espetáculo como concebida por Debord. Espetáculo, aqui, se refere à acepção mais comum do termo, ou seja, de algo produzido para causar impacto e prender a atenção da audiência.

¹⁰ Alessandra trabalha numa creche da comunidade e mora há 25 anos na Maré.



A outra queixa diz respeito à parcialidade dos discursos midiáticos, que se manifesta de duas maneiras: na seleção das pautas e na escolha das fontes. Da mesma forma, não contestam a existência de traficantes nem os conflitos entre bandidos e policiais. Apontam, sim, para um enfoque quase que exclusivo sobre as pautas ligadas ao crime, reduzindo a representação midiática dos espaços populares à dimensão da violência, como constatado pelo estudante e hoje ex-morador da localidade.

“Em alguns casos o que o jornal fala é a realidade, em outros não. Saneamento: Se a gente entra, vai ver que não tem. Vai na Roquete Pinto, onde eu morei: não tem nenhum. Questão de segurança: há bandido no meio dos moradores. Muitas vezes a gente não sabe quem é bandido e quem não é. Às vezes você quer apaziguar e não pode, porque pode entrar numa furada. Então, muitas vezes é mais mentira do que verdade” (Alexander)¹¹

A fala dúbia, que ao mesmo tempo nega e afirma a realidade do discurso midiático, revela a negociação em torno da imagem da favela. Admite os fatos, mas questiona a representação criada. Contesta, sobretudo, a ênfase no que considera o “lado ruim” da favela. A violência traduz de forma muito clara o que significa o “lado ruim”. Há, porém, outras queixas, relacionadas, em geral, a mais uma representação estereotipada: a da favela como lugar de ausência. Nestes discursos, seus espaços e seus moradores são definidos a partir do que lhes falta em relação aos demais, produzindo uma alteridade negativa.

A relação entre mentira e verdade, apontada no depoimento, traduz o descompasso entre a quantidade de eventos ligados à violência e a superexposição deles na cobertura midiática. Além da seleção das pautas, a escolha das fontes contribui para uma visão estreita e enviesada da vida nas favelas. Os moradores apontam a prevalência da voz policial na narração dos fatos. Disto resultaria uma parcialidade dos discursos, principalmente quando se trata da morte de moradores em confrontos entre policiais e traficantes, como nos mostra outro depoimento.

“A notícia favorece a polícia. Eles chegam atirando mesmo, não quer nem saber. Depois, vai a juiz e não dá em nada”. (Jane)¹²

Nossa pesquisa, que mapeou a imagem da favela na mídia, corrobora a sensibilidade dos moradores. Efetivamente a polícia é a principal fonte quando se trata de eventos ocorridos no interior das comunidades. O apagamento da voz do morador

¹¹ Alexander, de 36 anos, é motoboy e morou durante seis anos em Roquete Pinto. Atualmente mora em Cidade Alta, Cordovil, numa área controlada pelas milícias.

¹² Jane tem 36 anos, é dona de casa e sempre morou na Maré.



não apenas nega o direito de defesa destas populações, mas, efetivamente, apaga as fronteiras entre trabalhadores e bandidos, o que os obriga a realizar constantemente este esforço de limpeza moral.

A militarização do discurso, portanto, cria uma dupla associação: a da favela com o risco e a do morador com o bandido. Os efeitos desta representação transcendem as fronteiras subjetivas. Na fala dos moradores, a negação do direito à palavra representa uma violência que legitima outra: a do estado contra a favela. Em diversos depoimentos, a discussão sobre a representação dos fatos pela mídia escorrega para o debate sobre a violação dos direitos humanos pelos policiais.

A recorrência da associação entre violência policial e parcialidade jornalística nos permite afirmar que a espetacularização dos fatos, a supervalorização dos problemas e a militarização do discurso sobre a favela na mídia legitimam a violência na visão dos moradores. O silêncio imposto aos habitantes e as ações policiais são compreendidos dentro de um mesmo quadro de violência sistemática às populações faveladas.

Contra a violência da mídia, os moradores resistem de maneira peculiar. Embora reconheçam a representação estereotipada, quando perguntados sobre a última matéria que leram sobre o assunto vão se lembrar de notícias que trazem uma perspectiva mais progressista da vida nas comunidades. Como no depoimento a seguir:

“Tivemos uma reportagem na Maré sobre a bailarina. O lado artístico da comunidade, que tem muito. Muitas pessoas que são artistas. Apareceu na Ação Global, do Serginho Groissman. É a parte real da favela, o lado artístico”. (Carlos)¹³

A parte “real” se contrapõe à parte “espetacular” que hoje ganha, também, as telas de cinema e os roteiros de séries de TV. Buscar na própria mídia um exemplo positivo da vida nas comunidades é encontrar brechas no sistema hegemônico para legitimar sua resistência. Desta forma, reconhecem a autoridade da representação midiática, mas apontam a fragilidade do discurso redutor e espetacular.

Uma segunda estratégia encontrada pelos moradores é a de reiterar sua distância com o mundo do crime. O trabalho de limpeza moral exige não apenas o esforço de afirmar sua condição de trabalhadores, mas de justificar a convivência com os vizinhos criminosos e o silêncio em relação a eles. Como captamos no depoimento a seguir:

¹³ Carlos, 49 anos, é funcionário público, morou na Baixada Fluminense e mudou-se há dez anos para a Maré.



“Eu ouvi numa reportagem que na comunidade tem bandido porque os moradores deixam. Isto não é verdade. Agora, o bandido ta lá armado, ninguém é maluco de ir lá convencer ele”. (Graziele)¹⁴

A queixa se refere ao interdiscurso midiático que acusa os moradores de conivência com os criminosos. Frequentemente são apresentadas reportagens em que a população favelada protesta de forma violenta contra a morte de suspeitos em operações policiais. A representação, neste caso, é a de uma comunidade que protege os bandidos e se põe contra a lei.

Neste sentido, distanciar-se do mundo do crime significa, em alguns casos, afirmar o “lado bom” da favela. Em outros, relativizar o discurso midiático. Mas também significa, em muitos casos, negar seu pertencimento à favela. O próprio uso do vocábulo “comunidade” demonstra a intenção de driblar os significados ligados à favela, embora não represente uma ruptura total.

Quando não há negociação possível nem chance de deslocamento para os sentidos hegemônicos, a alternativa é simplesmente negar o endereço. Na Maré, sobretudo, os moradores se valem da proximidade com os bairros vizinhos para promoverem o apagamento total dos laços com a favela. Principalmente quando se trata do mundo do trabalho, a opção de adotar o bairro mais próximo é o artifício utilizado para livrar-se do estigma.

Nossa conclusão, neste caso, é que o fato de contestarem o discurso midiático ou de fazerem uma leitura negociada de seus conteúdos, não significa negar o significado que a favela assumiu perante a sociedade. Embora conscientes de sua integridade moral, os moradores resistem a uma subjetividade ligada à favela, ou negociam com esses componentes de subjetivação.

“Tem uma discriminação grande. Quando vai arrumar emprego: botar Maré ... não pode fazer. Já aconteceu comigo. O cara diz: “Não posso te pagar o salário de R\$ 300 que você ta pedindo na ficha”. Mas paga R\$ 1.500 para o cara que mora lá fora. Agora estou no Estado. O Estado não manda a gente embora. Mas é assim. Sou favelado, moro em comunidade” (Carlos).

“Eu não falo que moro na Maré nem morta. É Bonsucesso”(Alessandra).

¹⁴ Graziele, de 17 anos, é funcionária do Mac Donalds.



Conclusão

Alguns acontecimentos marcam profundamente uma comunidade. Na Maré, dois em especial deixaram suas marcas em quem os presenciou. O primeiro foi a Rio-92, o grande encontro de ambientalistas e chefes de estado que deu início às discussões para salvar o planeta de forma mais consistente. Em toda cidade, nunca se viu um clima de tanta segurança. O exército tomou as ruas e garantiu que os debates sobre a preservação do meio ambiente não seriam interrompidos por balas perdidas.

Na Maré, a Rio-92 foi marcada por uma ocupação maciça do exército. De armas em punho, os bravos militares tinham a missão de conter o risco que a favela representava para o evento. Dentro da comunidade, vigiavam a entrada e saída de moradores, que precisavam se identificar para chegar ao bairro.

De forma muito parecida, os jogos pan-americanos, realizados em julho de 2007, também foram sinônimo de ocupação para os moradores da Maré. No Morro do Timbau, sobretudo, que fornece uma visão privilegiada de duas vias de acesso à cidade – a Linha Vermelha e a Linha Amarela – militares fizeram plantão, de armas apontadas para dentro e para fora da comunidade.

A mídia certamente não aponta as armas para a favela. Mas aponta o dedo, indicando onde se concentra o risco contemporâneo e legitimando outros tipos de violência, simbólica ou não. A luta contra o discurso hegemônico significa, também, a luta por um tratamento igualitário perante uma cidade que nega o direito de pertencimento à favela. Nas cartografias midiáticas, as áreas de risco perdem o estatuto de bairro e se integram à cidade pela exclusão. Territórios proibidos, representam o medo difuso que assola a vida contemporânea.

Risco, aliás, é o termo que melhor define essas áreas, porque simboliza não apenas o perigo que oferecem efetivamente, mas o que potencialmente podem oferecer. Uma declaração recente do Governador Sérgio Cabral ilustra este pensamento. Comparando os índices de natalidade da Lagoa aos da Rocinha, segundo ele iguais aos da Zâmbia e aos do Gabão, declarou: “É uma fábrica de fazer marginal. O Estado não dá conta”, (*O GLOBO*, 2007). Uma só declaração, duas representações preconceituosas: contra negros e favelados.

Como alerta Koseleck (1979)¹⁵, fazer um prognóstico é intervir no presente, criar uma espécie de realidade psíquica com a qual se passa a planejar o futuro. A

¹⁵A experiência, diz o autor, é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Da mesma forma, a expectativa se realiza no hoje, é futuro



declaração do governador, que antecipa o futuro dos jovens nascidos na favela, justifica a defesa da legalização do aborto como medida para reduzir a pobreza ou, mais especificamente, o número de pobres. É dentro de uma política de gestão de riscos que medidas como estas se justificam e é através de uma representação da favela como território de risco que estas declarações passam a fazer sentido para a sociedade.

É certo que o espaço da experiência nunca chega a determinar o horizonte de expectativa. Mas certamente atua como força motriz na produção de novas realidades, na medida em que tem impacto sobre o modo presente de se conceber o futuro e, portanto, sobre as ações no presente em relação ao futuro previsto.

A desconstrução da narrativa única sobre a favela aponta não apenas para novas possibilidades discursivas. Abre, também, um novo horizonte de expectativa para as atuais gerações de crianças e jovens nascidas nos espaços populares e marcadas pela sociabilidade violenta e pelos discursos espetaculares da mídia.

Deixar de tratar a favela como território proibido e os favelados como portadores de risco significa admitir novas possibilidades de futuro não determinadas pela “crise de segurança” atual. É mais do que deixar de repetir a profecia que se auto-realiza entre crianças e jovens da favela. É tratá-los como cidadãos capazes de produzir sua própria história e sua própria representação perante uma mídia consciente de seu papel social e uma sociedade democrática.

Referências bibliográficas

presente, voltado para o que apenas pode ser previsto. Assim, o tempo presente contém as experiências e antecipa as expectativas. Mas também ele é influenciado por uma e por outra. Nossos prognósticos baseiam-se nos dados da experiência, a partir dos quais procuramos antecipar o que está por vir. Fazer um prognóstico já significa modificar a situação de onde ela surge. O presente já não será o mesmo depois de vislumbrarmos seus efeitos no futuro.



BARBERO, Jesús. **Dos meios às Mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

BATISTA, Nilo. **Mídia e Sistema Penal no Capitalismo Tardio.** Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação.

DOUGLAS, Mary. **Risk and Blame: Essays in Cultural Theory.** Londres e Nova Iorque: Routledge, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança Social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

KOSELECK Reinhart. **Futuro Passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1979.

LIMA, Roberto Kant e MISSE, Michel (coord). **Crime e violência no Brasil contemporâneo. Estudos de Sociologia do Crime e da Violência urbana.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

MACHADO, Luiz Antônio. **Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano.** In: Sociedade e Estado Brasileiro. V. 19. Jan-Jun 2004.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida.** Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1994.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza.** 2ª ed. São Paulo: Braziliense, 1985.

Artigos

VAZ, Paulo; CAVALCANTI, Mariana. SÁ-CARVALHO, Carolina; OLIVEIRA, Luciana Julião de. **Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário de crime.** Compós: 2005.

Dissertações

FELIX, Carla Baiense. **Entre discursos: mídia e subjetividade nos espaços populares.** Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura, Linha Mídia e Mediações. Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. **Maré: a invenção de um bairro.** Dissertação em Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais, Rio de Janeiro, Programa de Pós graduação em História Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas – PPHPBC/FGV, 2006.

Entrevistas

Estudantes do Ensino Médio da Escola Bahia. Rio de Janeiro, Timbau, novembro de 2007.

Jornais

Cabral defende aborto contra violência no Rio de Janeiro. Site G1, 24 de outubro de 2007.